

# *The poet with many faces* de Jennings ou um exercício crítico de restituição pessoana

Vincenzo Russo\*

JENNINGS, Hubert D. (2018). *Fernando Pessoa – The Poet with Many Faces. A Biography and Anthology*. Edited by Carlos Pittella. Providence: Gávea-Brown. (Revisto para publicação em Portugal, mas também em inglês, em 2019, na Tinta-da-china.)

“It’s late, but not too late”: é sob o signo do paradoxo temporal que essa expressão contém – usada por George Monteiro no prefácio – que iremos ler a publicação “póstuma” e “em atraso” da primeira biografia de Fernando Pessoa em inglês seguida de uma antologia poética dos *four poets* em tradução inglesa: *Fernando Pessoa – The Poet with Many Faces. A Biography and Anthology*, de Hubert D. Jennings. O livro foi escrito nos inícios dos anos 70 (provavelmente concluído em 1972) e restituído e restaurado por Carlos Pittella, numa recente edição americana (e depois portuguesa, da Tinta-da-China) enriquecida por um prefácio “testemunhal” de Georges Monteiro e um posfácio “crítico” de Filipa de Freitas.

Para as primeiras três ou quatro gerações de pessoanos, pelo menos, o nome de Jennings – ou melhor, de H. D. Jennings (como se lia na capa da edição do Centro de Estudos Pessoaanos, com o H. e o D. não explicitados) – estava incindivelmente ligado a um estudo de referência desse professor inglês “convertido à cultura portuguesa” (como se lia na contra-capla de Arnaldo Saraiva) publicado em Portugal com o título: *Os Dois Exílios – Fernando Pessoa na África do Sul* (1984), cuja versão original em inglês, por mais um acaso editorial de que é repleta essa história, sairia com o título de *Fernando Pessoa in Durban* (1986), dois anos mais tarde.

Pode ser avaliada como relativamente restrita a bibliografia pessoana de Jennings, se considerarmos as sete entradas que constam na *Pessoana* de José Blanco: restrita, sobretudo, se pensarmos no trabalho pioneiro em termos biográficos e críticos a que ele se dedicou a partir dessa “conversão tardia” a Pessoa e à cultura portuguesa que remonta aos finais da década de 60 quando, ao escrever *The D. H. S. Story, 1866-1966. A Great Book about a Great School* (1966) – uma história dos cem anos da Durban High School 1866-1966 –, se deparou com a figura do poeta Fernando Pessoa, como ele, frequentador – mas na qualidade de docente – da Escola sul-africana: “It now falls to our lot to describe a personage who is not only quite unlike any other in the pages of this book, but can also justly be claimed to be unique in the history of literature not only in this but in any other country. Few who saw Fernando Pessoa when he attended the school in the brilliant years,

---

\* Università degli Studi di Milano.

1899-1904, realised that they were looking at that rarest of the human species, a genius. It is a claim which is made for no one else in this book, and one which the writer would not dare to make in this instance without the strongest evidence and confirmation from the most informed sources" (*The D. H. S. Story*, p. 99). O testemunho deixado pelos dois filhos do *scholar* inglês, Bridget Winstanley e Christopher Jennings ("The Hubert We Know, in *Pessoa Plural*, n.º 8, Outono de 2015, pp. 487-505), esclarece como o encontro "ocasional" entre Jennings e Pessoa está na origem de uma verdadeira obsessão de estudo que acompanhará Jennings até ao fim da sua vida em 1991: para além do justo tributo memorialístico, o testemunho familiar – se lido a contrapelo como nos ensina Walter Benjamin – recupera o tradicional esquema do *life-changing encounter* como sendo a mais eficaz estratégia de narração pela qual legitimar as intenções do "biografado e do pai".

Quase coevo de Pessoa (nasceu em 1896 na Grã-Bretanha), Hubert Jennings, apesar de ser um "pessoano tardio", foi dos primeiros que estudou em contraponto a dupla formação de Fernando Pessoa e os seus espaços geo-simbólicos de elaboração: Durban e Lisboa, "os dois exílios". Aliás, refazendo ao contrário a viagem pessoana, de Durban a Lisboa, foi na capital portuguesa que Jennings realizou uma dupla aprendizagem: a da língua portuguesa e a do espólio pessoano (antes do acervo se tornar público, isto é, transferido para a Biblioteca Nacional). Foi aí que planeou "The Poet with Many Faces," manuscrito encomendado ou apenas sugerido pela família de Pessoa que durante a estadia em Portugal lhe facultou o acesso aos papéis, tal como o próprio Jennings lembra ("After visiting my family in England, we crossed to Portugal where I made myself known to the survivors in Pessoa's family and received a very cordial reception. While I was there, Michael (o meio-irmão de Pessoa) suggested that I should write a book in English on his brother": palavras citadas no posfácio de Filipa de Freitas.

Há dois aspetos que merecem ser destacados neste livro resgatado ao silêncio dos arquivos (hoje parte dos Hubert Jennings papers depositados na John Hay da Brown University, <https://library.brown.edu/collatoz/info.php?id=530>) e cujo estatuto tem menos a ver com a simples dimensão de arqueologia pessoana (que, todavia, está implícita) e mais com uma política de restituição filológica que engendra várias questões teóricas que só liminarmente poderemos tocar. Por um lado, temos o estranho efeito de não-sincronicidade que a leitura do texto de Jennings implica, por outro, e como corolário disso, a sensação de estarmos perante uma certa consciência crítica antecipadora – mesmo com alguns limites epistemológicos como o eurocentrismo, um certo tom impolítico, como aliás aponta Carlos Pittella – que permeia a hermenêutica e também a tradução da obra pessoana e que resulta do contato direto, não mediado, de Jennings com os papéis de Fernando Pessoa.

"O estudo em preparação" que representaria "F.P. The Poet with Many Faces," por não ter sido nunca editado (por vicissitudes editoriais e históricas, o 25

de Abril, nesse caso, é deveras um limiar entre épocas), apresenta-se hoje na edição de Carlos Pittella como um exemplo paradigmático de livro restaurado por excesso de restauração. É um texto que se joga numa temporalidade que faz lembrar a condição de não-contemporaneidade do contemporâneo de que falava Ernst Bloch. Podemos ler hoje um texto de 1972, quase sem a opacidade da cinza que o tempo depositou nele, com toda a instrumentação da atualidade: é nisso que consiste o efeito de não-sincronicidade de leitura. Lemos o texto pensado e escrito no começo da década de 70 e esquecemo-nos disso pela “mão segura” da atualidade que nos conduz através do espólio e da biblioteca do poeta digitalmente mapeados, como testemunham as imagens que espetacularmente estão associadas aos textos citados por Jennings, através da torrencial pessoana ativa que desde 1972 até hoje vem restituindo a complexa textualidade pessoana (com novas transcrições e traduções) que Jennings só podia entrever, e através, enfim, da erudição à volta do homem Fernando Pessoa e da sua obra que nas últimas cinco décadas se foi acumulando, como demonstra a bibliografia crítica no final do volume. Estamos perante um livro, portanto, não só de “restos” textuais que já formavam uma integralidade, ainda que inédita e à espera de um Editor. Estamos também perante um livro construído por um suplemento de textos, de imagens, de desenhos, em suma, de informações que o Editor acrescenta segundo uma filologia do suplemento – com implicações derridianas – que não apenas restaura mas excede a estrutura do texto inexoravelmente póstumo de Jennings. (Lembre-se também *A Mais Incerta das Certezas*, de Pierre Hourcade.) O gesto crítico da restituição, como práxis filológica, prevê sempre um gesto suplementar, sempre mais amplo em relação ao que se entende restituir, porque – como mostra exemplarmente a edição de Pittella –, ao intérprete cabe não apenas restaurar (*restoration*) o original de Jennings mas restituir (*restitution*) as novas temporalidades em que esse texto vive e de que se alimenta.

*The Poet with Many Faces* na edição de Carlos Pittella pode ser considerado também uma cartografia de imagens (desde a foto de Ophélia de uma coleção privada até a página datilografada dos Agradecimentos de Jennings, passando pelas imagens dos textos manuscritos ou datilografados de Pessoa ou pelas imagens das primeiras edições) que, na lógica do suplemento, restitui um texto – ao mesmo tempo – restaurado e contemporâneo da não-contemporaneidade. E também pode ser considerado uma edição em que o para-texto suplementa em abundância as ausências e os vácuos do texto de Jennings.

É a edição de um texto póstumo duas vezes. Não só por ser um texto publicado depois da morte do autor, ainda que amplamente anunciado e “enterrado” na oficina laboral de Jennings, mas também porque se configura como um texto suplementado por uma erudição e por uma filologia posteriores ao livro e ao seu autor e portanto preenchido pela subjetividade do intérprete (o Editor) que não oculta as dificuldades em editar um texto como este: “1) the fact of the book was written almost half a century ago; and 2) the complexity of Pessoa’s work,

which is mirrored in diverging transcriptions and translations” (Editor’s Note, p. VIII).

Longe de considerarmos *The Poet with Many Faces* apenas como objeto (curioso?) de arqueologia crítica e editorial pessoana, o que alteraria por completo qualquer avaliação teórica sobre o trabalho de Jennings que não cabe a nós fazer no breve espaço de uma recensão, a nossa intenção foi discutir um pouco a tecnologia e a política filológica que está por trás da concepção e da realização de um *clássico* da crítica pessoana que para se tornar *clássico* teve de inventar a sua “inactualidade”, teve de aguardar o seu “atraso”.